

Os números da tragédia

JORNAL DE BRASÍLIA Teotônio Vilela Filho

10 SET 1989

Os últimos números da mortalidade infantil do município de Teotônio Vilela, em plena zona da mata úmida de Alagoas, horrorizam por sua crua dureza: metade das crianças morre antes de um ano de vida. Um índice bafafrense, seguramente o maior do Brasil e um dos mais aterrorizantes do mundo.

No caso específico de Teotônio, a morte vem sobretudo pela água poluída, tirada de cisternas vizinhas às fossas. A água que mata a sede mata também a vida. O município tem adutora, tem até caixa d'água, mas não conta com a rede de distribuição. A Caixa Econômica, em quase dois anos de exigente processo, não liberou ainda o financiamento para as ligações domiciliares. Ironicamente, a caixa d'água do município, provocadora na sua inutilidade, se alteia por sobre o cemitério, dominando a cidade. Mas o horizonte estreito dos moradores de Teotônio esbarra mesmo é nas covas rasas do cemitério local. Água, só das fossas. Distribuição, só da morte.

É claro que, em Teotônio Vilela, a esdrúxula situação de uma água captada, armazenada e não distribuída exacerba a dimensão dos números de mortalidade. Mas lá também, como em todo o restante do Nordeste, persistem as demais causas básicas conhecidas da mortalidade infantil: desidratação, infecções, parasitoses, que qualquer médico não teria dificuldades

em identificar como doenças da miséria. E fome, muita fome!

O pior é que a tragédia social e humana que massacra as crianças de Teotônio nem se restringem ao município e à mata alagoana nem se limitam à contabilidade da morte. Os que sobrevivem carregam pelo resto da vida seqüelas irreversíveis. Crianças que, aos três e quatro anos, ainda não andam por absoluta falta de cálcio. Crianças que não crescem — os nordestinos estão mais baixos, vítimas do nanismo nutricional que castiga sobretudo a zona da cana. Sobre todos crianças que sofrem lesões cerebrais irreversíveis por conta da desnutrição no primeiro ano de vida. O Nordeste está legando ao Brasil e ao futuro uma geração de mutilados mentais.

Os resultados já podem ser identificados. Basta consultar o elenco de doenças ocupacionais que vitimam, sobretudo, esses desnutridos de ontem.

O quadro nordestino, com sua exacerbação em Teotônio Vilela, deixa muito claro que a saúde não se restringe a ações específicas de assistência médica, nem se confina nos ambulatórios e enfermarias. Saúde é higiene, saneamento básico é alimentação. É padrão de vida, enfim. O cientista Nelson Chaves, um dos brasileiros mais respeitados no Brasil e no exterior, na área de nutrição, resolveu aplicar um tratamento diferente às crianças da zona da

mata pernambucana, que encontrou ainda engatinhando aos quatro anos de idade. O remédio foi apenas comida. Comida e comida. E deu certo.

Por isso é que a intervenção pública em áreas de explosiva mortalidade infantil diminui, temporariamente, os índices da morte, sem acabar, contudo, com o risco da mortalidade. As crianças que não morrerem hoje sucumbirão amanhã ou crescerão, inevitavelmente, como subcidadãos, limitados em sua potencialidade. Ninguém conseguirá fazer saúde sem melhorar o nível de vida.

A solução, como se vê, é de médio e longo prazo. Mas há ações emergenciais inadiáveis, por mais paliativas que pareçam. Impõe-se, afinal, a urgência da vida. Como no caso de Teotônio, onde a simples distribuição de água potável já derrotará a morte. Mesmo emergencial, mas com inegáveis efeitos a longo prazo, tal ação poderia se justificar por dezenas de argumentos econômicos, sociais, políticos e, acima de tudo, morais e humanitários. Até agora têm sido insistentemente repetidos, mas em vão.

Quem sabe se resolverá quando o Governo descobrir que é mais barato botar água na cidade que pagar as dezenas de enterros de anjinhos que saem a cada semana!

□ Teotônio Vilela Filho é senador pelo PSDB de Alagoas